

família



adaptação



reflexão

online

**BOLETIM**  
CEAPIA2020



# O CEAPIA e a Pandemia

*Do presencial ao virtual*

afeto

encontro

conexão



vida

esperança

desafio

mudança

## Sumário

- |   |   |
|---|---|
| 04 <i>Palavra da Presidente</i>                   | 14 <i>Atendimento online em diferentes quadros clínicos</i>           |
| 05 <i>A palavra em tempos de crise</i>            | 17 <i>Atendimento solidário</i>                                       |
| 06 <i>Encontros científicos na quarentena</i>     | 18 <i>Atendimento a pacientes que residem em casas de acolhimento</i> |
| 07 <i>O CEAPIA online: adaptações necessárias</i> | 19 <i>Avaliação psicológica remota</i>                                |
| 12 <i>Os desafios da psicoterapia online</i>      | 19 <i>Trabalho-destaque</i>   |
| 13 <i>Pontos de vista</i>                         | 20 <i>Famílias em quarentena</i>                                      |

• • • • • • • • • •

### Direção 2020 - 2021

Viviane Botelho Amaro da Silveira  
*Presidente*

Roberta Peruchin Loureiro da Silva Breda  
*Vice-Presidente*

Gabriela Tomazeli  
*Secretária*

Daniela Maltz Raskin  
*Diretora Administrativa*

Maria Rita Beltrão  
*Codiretora Administrativa*

Milene Maria Merg  
*Diretora de Atendimento*

Iara Cristina Schmidt  
*Codiretora de Atendimento*

Maria Cristina Lemes Bressani  
*Diretora Científica*

Raquel Brodacz  
*Codiretora Científica*

Elisa Rigon Forster  
*Diretora de Ensino*

Clarissa de Melo Leonardi Padilla  
*Codiretora de Ensino*

Elisa Cardoso Azevedo  
*Diretora de Pesquisa*

Cristiane Friedrich Feil  
*Codiretora de Pesquisa*

Luísa Steiger Pires de Oliveira  
*Coordenadora de Divulgação*

Felipe Daniel Detoni  
*Editor Revista Publicação CEAPIA*

### Comissões

#### Comissão de Ensino

Anelise Mariath Rechia, Andréa Hilgert Cardoso Zelmanowicz, Caroline Milman, Clarissa Gralha, Renata Hesseler Kreutz, Camile Fleury Marczyk, Elisa Forster, Clarissa Leonardi

#### Comissão de Currículo

Ana Rita Taschetto, Lisiane Cervo, Magali Fischer e Norma Escosteguy (Coordenadora)

#### Comissão Científica

Maria Cristina Bressani (Diretora Científica), Raquel Brodacz (Codiretora Científica), Ana Carolina Pechansky, Christine Nunes, Fernanda Halpern, Gabriela Ramos, Julia Foster, Roberta Golbert e Vanessa Giaretta

#### Comissão de Pesquisa

Elisa Cardoso Azevedo, Cristiane Friedrich Feil, Luísa Feijó Pinheiro Mello, Roberta Iankilevich Golbert, Laura Wolf de Souza, Helena da Silveira Riter, Laura Marazita Lotti, Luísa Dall'Agnol e Cristina Horta

#### Comissão de Divulgação

Luísa Steiger, Maria Luíza Piccinini e Thanise Weinert

#### Comissão Editorial da Revista

Felipe Detoni, Débora Zaffari Lora, Elisa Cardoso Azevedo e Vanessa Giaretta

#### Comissão do Boletim

Fernanda Halpern, Helena Riter, Camila Martinez, Laura Lotti e Roberta Golbert

## Queridos leitores, sejam bem-vindos!

O ano de 2020 se apresentou como absolutamente singular e trouxe inúmeros desafios. A pandemia de COVID-19 e o isolamento social assumiram lugar central em nossas vidas, e, também, o CEAPIA precisou adaptar tudo aquilo que já era conhecido e estabelecido.

Com o Boletim, não foi diferente. Sem a nossa tradicional Jornada Anual, foco das edições anteriores do Boletim, ficou evidente a necessidade de abordar este tema que tanto tem nos feito questão: a pandemia e seus desdobramentos. Nosso intuito, além de criar um espaço para compartilhamento de reflexões, é de que o Boletim CEAPIA 2020 possa ser um registro dos movimentos que foram necessários para que a nossa instituição permanecesse viva e atuante.

Desse modo, nas páginas a seguir, você pode conferir reflexões de diferentes setores e comissões do CEAPIA sobre diversos temas ligados à pandemia, assim como depoimentos de colegas a respeito da adaptação das mais variadas atividades que integram o CEAPIA.

Por fim, gostaríamos de agradecer a todas e todos que aceitaram nossos convites para construir este boletim, colaborando com suas reflexões a respeito deste momento complexo. Em especial, agradecemos às queridas colegas da nossa comissão editorial, Camila Martinez, Laura Lotti e Roberta Golbert, que enfrentaram conosco esse desafio e que o fizeram de forma tão investida e afetiva.

Um afetuoso abraço e o desejo de uma boa leitura,



Helena Riter e Fernanda Halpern

# Palavra da Presidente

No dia 12 de março deste ano, alguns dias após a nossa cerimônia de posse da diretoria, enviei para a minha equipe a seguinte mensagem de texto: “Pessoal, o que acham de adotarmos medidas de prevenção em relação à COVID-19?”

Uma semana após esta mensagem, estávamos fechando o CEAPIA em função da pandemia. Automaticamente, nossas mentes mudaram a direção das expectativas, planejamentos, desejos e previsões para o ano de 2020. Nós e o mundo inteiro. Com a ajuda das orientações dos governantes, do contato com outras instituições e de colegas do CEAPIA sempre dispostos a ajudar, eu e meu grupo incansável fomos nos adaptando.

Diante desta experiência inédita na vida de todos, na qual já nos encontramos há tantos meses, o que pensar? Se nos detivermos na vida de cada um individualmente, com certeza, muitas transformações ocorreram, tanto positivas como negativas, na ordem do emocional, do financeiro e do social. Os relatos são os mais diversos, o que nos fala de que o mundo realmente mudou.

Estamos experimentando algo que sabíamos apenas pelos livros de História: o fato de que, diante de grandes crises mundiais, apesar das perdas, é necessário se reinventar e exercitar a criatividade. No CEAPIA, frente à necessidade de seguir a vida e de pensar sobre o que está nos acontecendo, migramos para o mundo online, nos reorganizamos diante das telas e passamos a conviver com as incertezas da realidade. Além das atividades de sempre que puderam ser mantidas, surgiram novos grupos de estudo, inovações na interação pelas redes sociais, lives, eventos científicos e novas pesquisas. Nos surpreendeu a adesão a todas estas atividades de um número de participantes significativamente maior do que em tempos anteriores à pandemia.

Esses são os saldos positivos deste novo momento, saldos que provavelmente vieram para ficar, podendo ampliar nosso alcance de reflexão, de produção de conhecimento e, principalmente, de interação e troca com o máximo número de pessoas, pois acredito que um dos fatores para tantos encontros seja a nossa necessidade de contato humano, mesmo que seja pelas telas.

Estamos sentindo falta.

Diante da pandemia, passamos a não saber sobre o dia de amanhã, mas podemos fazer planos, e neles estão incluídas todas as inovações que fomos “obrigados” a aderir. Neste Boletim, poderemos nos informar mais detalhadamente sobre como nossos colegas estão pensando e enfrentando a COVID-19, colaborando para mais informação.

Não poderia deixar de agradecer a toda minha equipe que vem trabalhando de forma intensa e harmoniosa frente a todo este caos. Agradeço também a todos os funcionários, que se engajaram para deixar o CEAPIA a postos para uma reabertura, em especial ao André Rechia, nosso profissional de TI (Tecnologia da Informação), que possibilitou toda a migração de forma eficiente e rápida para o mundo online. Ainda, agradeço aos alunos e associados, que seguiram com seus seminários e atendimentos, tendo disposição e coragem para enfrentar este *setting* desconhecido, e ao Conselho Consultivo, sempre disposto a ajudar.

Desejo a todos uma ótima leitura e saúde física e mental para seguirmos juntos enfrentando este momento tão difícil.

**Viviane Amaro da Silveira**  
Presidente do CEAPIA

DIREÇÃO 2020 - 2021



# A palavra em tempos de crise

## O trabalho onírico da escrita

Frente às privações que a atual pandemia nos impôs, buscamos as formas mais diversas de nos ligarmos com os outros significativos em nossa vida. Essa falta das presenças vivas, cotidianas, além de angústia, pôde, por outro lado, produzir efeitos criativos nas pessoas. A criação e a arte são meios do psíquico dar sentido e acomodar vivências traumáticas. A palavra escrita abre um mundo de possibilidades para conectarmos fragmentos, restabelecemos laços perdidos, conosco e com o mundo.

O processo de escrita, em determinados aspectos, se assemelha ao sonhar, ou mesmo ao encontro psicanalítico, já que é em um *a posteriori* que o sentido do que queremos comunicar ganha vida, representação e contorno. “O fato é que uma obra psicanalítica não nos fala, se não guardar nela, em seu movimento, os traços daquilo que a tornou necessária. Sob o relato do sonho, o trabalho do sonho. Sob o escrito e no escrito, o trabalho do pensamento” (Pontalis, 2005, p. 9).

O sonho, enquanto um pensar por imagens, entrelaça e transforma nossas experiências vividas, tornando algo estranho em familiar. Já a escrita, por sua vez, seria um pensar com palavras, conceitos, teorias. O ponto que une esses dois processos é a comunicação: algo se transforma e se comunica.

Neste contexto de pandemia, o exercício da escrita se encontra especialmente ligado ao processo onírico de elaboração, na medida em que, através desta via de locução-escrita, passamos a nos enxergar como autor e leitor de nós mesmos, nos distanciando e ao mesmo tempo nos (re)conhecendo em meio a tantas vivências e pensamentos diferentes.

Pontalis, J. B. (2005). Entre o sonho e a dor. Aparecida: Ideias & Letras.

Comissão da Revista Publicação CEAPIA: Felipe Detoni (Editor), Débora Lora, Elisa Azevedo e Vanessa Giaretta

## A importância da palavra em tempos de pandemia

Como fonoaudióloga e profissional da área da saúde, parto do pressuposto de que a palavra que efetivamente tem seus efeitos é a que vem acompanhada do contato humano. O fundamento da linguagem é o diálogo, e o diálogo é a linha que tece a relação com o outro.

A importância da palavra está relacionada à importância da comunicação associada à disponibilidade de escutar, de olhar e de aproveitar qualquer espaço para acolher sentimentos. A palavra não vem sozinha, ela só é importante no contexto do afeto e nos dá condições de nos inserirmos socialmente como falantes.

A partir disso, podemos pensar em alguns recursos fundamentais de uso da palavra como a função narrativa das histórias infantis, com suas rimas e poesias; a importância da música preenchida por linguagem, por silêncio e sons; e toda e qualquer atividade lúdica a partir da interação com um adulto significativo efetivamente conectado com a criança. As neurociências estudam o quanto o amor é uma força capaz de moldar o cérebro e interferir em todo o desenvolvimento humano. Se formos capazes de nos comunicarmos efetivamente e fizermos isso com amor, estaremos contribuindo para um mundo melhor, pois quem se ocupa de uma vida se ocupa da humanidade. Assim como, por um lado, o Corona é um vírus altamente contagioso, a esperança, a solidariedade e o investimento nas crianças são ativadores altamente poderosos para o desenvolvimento infantil.

Raquel Brodacz - Coordenadora do Setor de Fonoaudiologia

## Encontros científicos na quarentena

### O desafio da Científica na quarentena

Iniciamos nossa gestão em março, com entusiasmo e expectativas. Fomos carinhosamente acolhidas pela diretoria anterior e começamos a delinear ideias. Porém, 2020 chegou desacomodando. A Comissão Científica teve apenas um encontro presencial e, em seguida, iniciou-se o isolamento. O CEAPIA fechou suas portas e reestruturou seus pilares para dar conta das atividades de forma online. A Científica se reinventou dentro de uma realidade nova e desconhecida para todos.

Para além de lamentar e elaborar nosso luto pelos projetos que tivemos que nos desfazer, dentre eles a tradicional Jornada Anual, vimos a emergência de reagirmos de maneira (cri)ativa frente à situação. Precisávamos de um lugar de compartilhamento de experiências, de discussão e de aprendizagem para pensarmos sobre as readaptações da técnica exigidas pela novidade do atendimento online. Criamos, então, uma atividade mensal que nomeamos “Encontros científicos na quarentena”. Além disso, a Comissão Científica elaborou diversos cursos, grupos de estudo e eventos sobre temas relevantes que têm sido bem acolhidos interna e externamente, mostrando que estamos no caminho certo.

*Esta experiência pode ser uma importante oportunidade para um exercício que nosso ofício tanto nos convoca, o de abrir a mente. Os eventos foram pensados com muito cuidado e carinho na tentativa de aproximar a todos neste momento de distanciamento.*

Os desafios tornaram-se oportunidades de continuar conectando o CEAPIA, tecnológica e afetivamente, mesmo durante um período tão difícil para todos.

**Comissão Científica:** Maria Cristina Bressani (Diretora Científica), Raquel Brodacz (Codiretora Científica), Ana Carolina Pechansky, Christine Nunes, Fernanda Halpern, Gabriela Ramos, Julia Foster, Roberta Golbert e Vanessa Giaretta

### Desafios da técnica de atendimento pais-bebê

Com a pandemia, surgiram inquietações no Setor de Intervenções Precoces sobre o seguimento dos atendimentos com crianças de 0 a 3 anos: Como brincar, já que isso engloba brinquedos e o corpo do bebê? E a continuidade dos processos de subjetivação pela tela? Como captar o sensorial, a troca de olhares e manter a contenção afetiva? A fim de refletir sobre isso, tivemos um evento virtual, com a participação enriquecedora da psicanalista Lea Lubianca Thormann.

Desde as primeiras “videoterapias”, os pais mostraram-se cooperativos e interessados em manter o processo em curso. As famílias nos ensinaram muito! Juntos, fomos construindo a melhor maneira de seguir. E nos dizíamos: “É só por um tempo!”, mas o tempo se estendeu. Por estarem em casa, as famílias passaram a se dispersar frente às câmeras, sendo essencial retomar o caráter sigiloso e a importância de um horário em que todos se encontram juntos para brincar e pensar.

*Estamos ao mesmo tempo juntos, mas distantes. O presencial se perde, porém o imaginário segue vibrante.*

Esta modalidade proporcionou que conhecêssemos o quarto, os brinquedos, “o mundo em que eu vivo”, como disse um deles. Além disso, passamos a receber novos pacientes, que iniciaram seus atendimentos de forma online com surpreendente naturalidade.

Neste momento de incerteza e afastamento, precisamos tolerar o sofrimento junto aos pacientes. Importante podermos avaliar situações de desamparo emocional e o pedido de ajuda daqueles que ainda não conseguem utilizar da palavra. Estarmos presentes, mesmo que online, tem trazido momentos de aprendizado e afeto. Somos uma companhia viva que deve seguir ao alcance dos pequenos.

**Setor de Intervenções Precoces:** Inta Müller (Coordenadora), Daniela Raskin (Cocoordenadora), Desirée Trois, Camile Marczyk, Elisa Azevedo, Fabíola Alba, Milene Merg e Viviane da Silveira

## O CEAPIA online: adaptações necessárias

### Triagem: a porta de entrada

No início deste ano, o Setor de Triagem se dedicou à reestruturação de alguns protocolos e reflexões, entendendo a triagem como uma das atividades mais importantes da instituição, por ser a porta de entrada para novos pacientes.

Ocupava-se de reformas básicas e necessárias para um acolhimento e encaminhamento adequado ao paciente que chega ao CEAPIA. Inesperadamente, as reuniões e os atendimentos foram transferidos para as casas das terapeutas, trabalhava-se com uma pressão externa que inundava de informações sobre contágio e mortes pelo coronavírus no mundo todo. O primeiro movimento foi a suspensão do ingresso de novos pacientes na instituição. Precisava-se de um período de adaptação, mas logo se encontrou no trabalho em equipe, apoio e motivação para organizar e propor as triagens online.

*Foi necessário abrir espaço nas mentes das terapeutas para acomodar tantas incertezas. Entendia-se que um bom acolhimento e encaminhamento contribuiriam para a organização emocional de crianças, adolescentes e suas famílias que poderiam estar em sofrimento pelo isolamento social, necessitando de suporte emocional.*

Foram realizadas diversas adaptações na dinâmica de trabalho para que as triagens pudessem ocorrer de forma online por chamada de vídeo. O primeiro contato da família passou a ser via telefone do CEAPIA, no qual manifestaram o interesse no atendimento e deixaram seus dados de identificação. Em seguida, uma triadora entrava em contato com o responsável, se identificando a fim de agendar a consulta. Foram dadas orientações quanto ao pagamento, ao sigilo e sobre a importância do paciente estar presente na chamada com o cuidador.

Optou-se por não trabalhar em coterapia, para evitar um excesso de estímulo para as triadoras e família e acreditando que as comunicações não verbais entre as terapeutas não seriam aproveitadas. Também, foram postergados os encaminhamentos dos casos, abrindo

espaço para pensar mais sobre os pacientes e discutindo cada situação em equipe, para depois encaminhar. Esse formato se mostrou mais rico e satisfatório e será mantido no retorno ao presencial.

Entre os meses de abril e julho foram realizadas 31 triagens, sendo 8 delas com crianças menores de 4 anos, 8 com adolescentes entre 12 e 20 anos e 15 com crianças entre 4 e 11 anos. Esses dados mostram que a disponibilidade em atender foi ao encontro das necessidades das famílias e que este modelo de triagem e atendimento é possível.

*Apesar das dúvidas iniciais, foi visto que o ambiente virtual não era um obstáculo, e sim uma possibilidade.*

As adaptações no setting foram satisfatórias e a organização das famílias, surpreendentemente positiva. As triadoras puderam proporcionar um espaço de continência, um olhar atento e uma escuta qualificada para as demandas. A nova experiência fez com que a equipe de triagem reinventasse a sua prática, o que possibilitou crescimento nas atividades e na equipe. Percebeu-se que as mudanças e adaptações, as quais já eram inerentes, são ainda mais necessárias neste contexto.

**Setor de Triagem:** Fernanda Amorim (Coordenadora), Daniela Lajus, Elisa Azevedo, Fernanda Matte, Karla Fonseca e Juliana Santos



## A experiência do atendimento pedagógico online

Neste período em que o atendimento a distância é o único meio possível de dar continuidade ao fazer pedagógico, em virtude da necessidade de distanciamento social imposto pela COVID-19, relato minhas vivências nessa nova modalidade.

Em março deste ano, chegou ao nosso país o vírus que já vinha causando grandes mudanças em outros locais, impondo alterações na rotina como forma de proteção da vida de todos. Sendo assim, o cancelamento de atendimentos presenciais veio como medida de segurança.

Nessa perspectiva, a alternativa seria o atendimento na forma online e, com ele, vieram dúvidas e incertezas. Como seria trabalhar virtualmente com crianças, adolescentes e adultos com dificuldades de aprendizagens? Como manter a atenção deles durante o atendimento? Quais ferramentas usar nessa nova modalidade?

As dúvidas levaram à busca de alternativas que viabilizassem essa forma de trabalho. Pesquisas, estudos e novas aprendizagens permitiram que o atendimento online se tornasse mais concreto diante da imprecisão em tempos de pandemia.

Outro fator importante seria a aceitação desse tipo de atendimento pelos responsáveis dos clientes e pelos próprios.

Na minha experiência, alguns aceitaram prontamente, outros com um pouco de resistência e outros não aderiram a essa forma de trabalho.

*Os primeiros atendimentos geraram expectativas em todos. Conforme foram ocorrendo, algumas mudanças e ajustes se fizeram necessários, e novos desafios foram surgindo, juntamente com novas aprendizagens ligadas, principalmente, à área da tecnologia. Adaptar materiais e jogos para atingir os objetivos da intervenção pedagógica tem sido um trabalho intenso, mas também muito satisfatório.*

Manter a atenção deles, que era uma preocupação no início, foi mais fácil do que parecia. A utilização de cartas e cartões com desafios, histórias para serem continuadas, palavras para serem completadas ou frases para serem decifradas, entre outros, despertou o interesse e a atenção de todos.

O retorno está sendo muito positivo, tanto dos responsáveis como dos clientes. Os que acolheram e acreditaram nessa nova forma de exercício da pedagogia aguardam o dia do atendimento com alegria, pois, além de ser uma novidade, auxilia na manutenção do vínculo e oportuniza a continuidade do trabalho e, conseqüentemente, das aprendizagens.

Essa modalidade de atendimento só foi possível porque, hoje, temos plataformas digitais e aplicativos que proporcionam esse tipo de comunicação, o que também foi um aprendizado importante, afinal, não faziam parte do nosso cotidiano. A utilização dessas tecnologias auxiliou no começo, despertando a curiosidade para os atendimentos.

Ainda não sabemos quando voltaremos aos atendimentos presenciais. O que sei é que o período que estamos vivendo está carregado de novos conhecimentos e que podemos nos fazer presentes na vida do outro, mesmo distantes fisicamente. E, por último, mas não menos importante, se feito com amor e dedicação, trará crescimento para toda vida.

**Kátia Beatriz Monteiro Mantovani - Pedagoga e Membro do Setor de Pedagogia**

## É possível observar bebês online?

A observação de bebês, parte importante do curso do CEAPIA, com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento do bebê e a forma como se constroem seus vínculos iniciais, precisou ser adaptada com a chegada da pandemia. Chegamos a nos questionar se seria possível seguir com a observação, inclusive cancelamos algumas antes de decidirmos tentar dar continuidade ao trabalho.

A família concordou com os encontros online e fui recebida com o mesmo cuidado de antes. A maioria das observações presenciais foi feita na presença da avó materna. Porém, com a mudança, pude vivenciar momentos junto a outros familiares que antes estavam ausentes, como o pai e o avô, em função de seus horários de trabalho, bem como a mãe, ausente das observações desde o término de sua licença-maternidade. Outro atravessamento foi o da minha gestação, visto que a barriga não aparecia na tela e a família se mostrava curiosa e preocupada, querendo saber como eu estava. Após cerca de um mês de observações online, a bebê completou um ano e foi possível finalizarmos o trabalho.

*Apesar de ter ocorrido de forma diferente do que se imaginava, foram mantidas as características inerentes à minha experiência: a presença do cuidado e do afeto comigo e com a bebê.*

**Mariana Azambuja Ramos Becker - Aluna do 2º ano do Curso do CEAPIA**

A atividade de Observação da Relação Pais/Bebê, realizada de modo virtual, foi uma agradável surpresa.

*Apesar de algumas dificuldades iniciais, principalmente tecnológicas (uso da plataforma mais adequada, iluminação inadequada, falhas da internet), a dinâmica das observações e dos grupos de supervisão não parece ter sido prejudicada.*

Entretanto, algumas situações merecem ser assinaladas:

A) O olhar do/a observador/a passou a ser intermediado pelo desejo da mãe/cuidador. O posicionamento do celular, privilegiando uma determinada cena ou cenário, restringe o que seria escolha do/a observador/a, porém, a própria escolha se transforma em dado de observação, e pode indicar, de uma forma muito menos sutil do que costuma ser na observação presencial, qual o lugar atribuído pela mãe a cada um dos elementos constituintes do conjunto.

B) O “campo” da observação, sua dinâmica transferencial/contratransferencial e a “construção” de lugares específicos (do/a observador/a, da mãe/cuidador, dessa relação específica) não parecem sofrer alterações significativas, remetendo à convicção de que o *setting* é principalmente uma construção interna, independentemente do contexto da realidade onde possa estar inserido.

C) As interações, tanto dos adultos quanto do bebê, com o/a observador/a continuam acontecendo por meio da tela do celular e mantêm as mesmas características percebidas nas observações presenciais.

É preciso considerar que essas são pontuações/reflexões iniciais e baseadas em uma amostragem muito pequena, mas que podem servir como estímulo para desenvolvimento posterior.

**Elizabeth Zambrano - Supervisora do CEAPIA**

## Seminários online: espaços de conexão e de esperança

Escrever sobre a experiência de coordenar seminários na modalidade online no CEAPIA é falar de desafio, de dificuldades e medos, mas também de parcerias, colaboração e generosidade. Ultrapassados os momentos iniciais, quando fomos impactados pelas mudanças em nossa vida, ainda sem compreender com clareza o que o mundo estava vivendo, nos vimos rapidamente inseridos nos “ambientes virtuais”. Meu seminário sequer chegou a ser interrompido, pois, com agilidade e serenidade, nossa instituição logo nos proporcionou “espaços de conexão”. Nos primeiros “encontros” senti falta da presença física, das trocas de olhares e expressões corporais, além de ter que lidar com o fato de que, de repente, alguém “sumia da tela”, custava para identificar quem estava falando e não conseguia visualizar todos ao mesmo tempo. Entretanto, com a experiência continuada, melhorias na plataforma e o desejo de que nossos “encontros” acontecessem, as carências foram sendo minimizadas com a disponibilidade e o interesse dos participantes. Encerro meu relato com os dizeres de Sartre: “Não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com o que fizeram com você”.

*Para nos mantermos vivos psiquicamente, precisamos acreditar que somos capazes de fazer o melhor possível com o que temos e ter a esperança de que a vida vai ser mais generosa.*

**Anelise Mariath Rechia - Coordenadora do Seminário de Técnica da Adolescência e Membro da Comissão de Ensino**

Está sendo muito interessante iniciar uma formação na modalidade online neste momento de quarentena. Poder observar a criação de vínculos, a insurgência de uma identidade de turma, bem como a instauração de um desejo de aprendermos juntos, dedicando-nos aos espaços conjuntos.

Em definitivo, há uma esperança que nos move quando podemos torcer e imaginar quando nos veremos novamente, mas é possível dizer que, até aqui, houve uma construção notável.

A atenção, a dedicação e a criatividade da turma e dos professores, supervisores e pacientes para superar e dar sentido a este momento são inspiradoras.

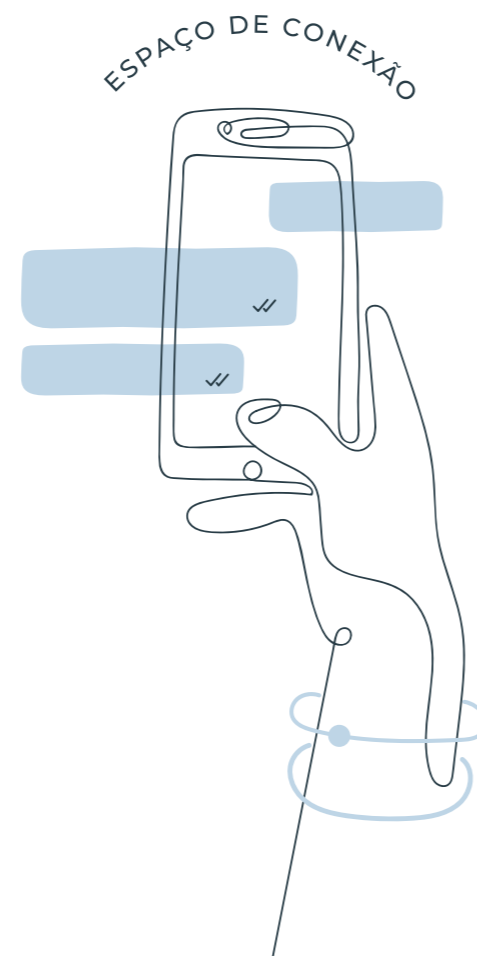
**Mariana Ayres - Aluna do 1º ano do Curso do CEAPIA**

Se Bion estivesse vivo, poderia estudar o funcionamento dos grupos nos seminários online. Mas agora cabe a nós construirmos as respostas juntos.

Surge uma importante questão que deve ser levada em consideração: cada um tem seu tempo para se adaptar e lidar com o que vem à tona em situações como essa.

Tolerar o não saber, lidar com os silêncios, com as falhas de conexão. E de que conexão estamos falando? Penso que o essencial é isto, que possamos nos manter conectados, do jeito que cada um puder. Ter esperança e acreditar na capacidade do ser humano de fortalecer-se com as adversidades.

**Laura Wolf - Aluna do 3º do ano do Curso do CEAPIA**



## Estágio na Pandemia: (im)possibilidades

Como proporcionar uma experiência qualificada de estágio em psicologia, em meio ao isolamento social, foi o grande desafio que enfrentamos neste ano de 2020. Como poderíamos ajudar e acolher nossas estagiárias neste momento de tantas incertezas?

Precisávamos de um norte e nos apoiamos nas orientações do CFP e da ABEP, que suspendiam as atividades presenciais e virtuais. Por uma questão legal, estudantes não podem atender de forma online, interrompendo a prática clínica.

*Com o prolongamento do isolamento, iniciaram-se as flexibilizações, e o desafio foi unificar as decisões, minimizando os prejuízos, frente aos diferentes posicionamentos das universidades. Este percurso foi demarcado por diálogos que permitiram que as atividades teóricas de estágio pudessem ser retomadas de maneira online.*

Conseguimos reiniciar os seminários e os grupos de estudos em maio, e retomamos também as reuniões, que são espaços de acolhimento para as angústias, bem como de trocas, em uma tentativa de enriquecer o estágio, mesmo em um cenário tão singular.

Muitas atividades não puderam ocorrer do modo como havíamos organizado, como a prática na ambientoterapia, os atendimentos presenciais, as participações nos seminários de triagem, e principalmente aquilo que somente o “ao vivo” proporciona. Com afeto e trabalho em equipe, foi possível organizar espaços para crescimento, aprendizagem e expansão do pensar psíquico em meio ao “mar tumultuado” gerado pela pandemia da COVID-19.

**Fernanda Matte e Fernanda Porto - Coordenadoras do Setor de Estágio**

## CEAPIA Telepresencial

A pandemia da COVID-19 exigiu diversas adaptações para que pudéssemos manter o CEAPIA vivo e atuante. No entanto, esses desafios também possibilitaram novas ideias e percepções. Sendo assim, é com alegria e expectativa que anunciamos que, a partir de 2021, o CEAPIA passará a oferecer o tradicional Curso de Psicoterapia da Infância e da Adolescência também no formato telepresencial.

Nesta modalidade, colegas residentes em regiões mais distantes poderão realizar o curso. Para tanto, as salas foram equipadas com sistemas de videoconferência condizentes com a proposta. As diretrizes gerais do curso serão as mesmas, com seminários síncronos, supervisão individual e em grupo e observação de bebês. As demais atividades oferecidas pela instituição contarão com a presença de seus membros tanto presencial quanto virtualmente.

Saiba mais em nossas redes sociais ou pelo e-mail [ensino@ceapia.com.br](mailto:ensino@ceapia.com.br)

**Anelise Rechia (Coordenadora da Comissão do Curso Telepresencial) e Elisa Forster (Diretora de Ensino)**

## Os desafios da psicoterapia online no contexto do isolamento social

A pandemia da COVID-19 pegou a todos de surpresa, demandando muitas adaptações para a manutenção das mais diversas atividades cotidianas. Nesse contexto, o atendimento psicoterápico de crianças e de adolescentes na modalidade online, prática ainda pouco explorada, trouxe inúmeros questionamentos aos terapeutas.

Frente a essa realidade, a Comissão de Pesquisa do CEAPIA se propôs a investigar esse novo fenômeno, a fim de produzir reflexões que auxiliassem no enfrentamento deste momento tão permeado por dúvidas e experimentações.

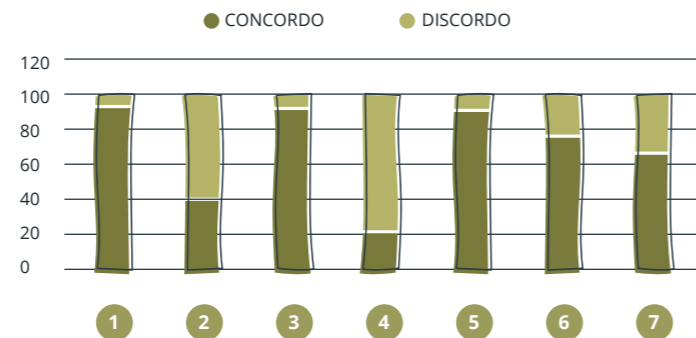
Assim, em abril, convidamos os membros da instituição a responder a um questionário online, que abordou diversos aspectos da psicoterapia online com crianças e adolescentes no contexto da pandemia.

Participaram da nossa pesquisa 101 membros da instituição, e a maciça aderência à psicoterapia online ficou evidente.

98% dos profissionais relataram ter oferecido essa modalidade de atendimento aos seus pacientes, sendo que 65% ofereceu para todos eles. Por outro lado, apenas 21% dos profissionais atendia online antes da pandemia.

Ainda, o atendimento online ao público infantojuvenil também se mostrou muito frequente: 75,2% relatou estar atendendo crianças nessa modalidade e 93,1%, adolescentes.

Desse modo, podemos pensar que, em meio a uma crise mundial, os profissionais precisaram rapidamente se adaptar a uma nova modalidade de trabalho que impôs inúmeros desafios. Sendo assim, questionamos nossos participantes com relação aos desafios apresentados na tabela a seguir:



- 1 Me senti mais cansado(a) por passar mais tempo em frente às mídias digitais (computador, celular, tablet) para realizar os atendimentos psicológicos.
- 2 Me senti desconfortável por ter que realizar os atendimentos com outros membros da minha família em casa.
- 3 Tive que adaptar um local na minha casa para prestar os atendimentos aos meus pacientes, de modo a preservar o sigilo.
- 4 Tive dificuldades em relação à manutenção do contrato com os pacientes ao atendê-los nessa modalidade online.
- 5 Me senti identificado(a) com os sentimentos que os pacientes trouxeram a respeito da pandemia.
- 6 Me percebi assumindo uma postura mais ativa nas intervenções com meus pacientes.
- 7 Tive problemas técnicos (conexão, bateria, dispositivos) nos atendimentos online.

Destaca-se que os maiores desafios enfrentados pelos terapeutas estão relacionados ao cansaço frente ao uso de telas e à preservação do sigilo, o que exigiu flexibilização dos terapeutas nos atendimentos online. Ainda, os terapeutas se identificaram com os sentimentos dos pacientes, como angústias e medos, diante da pandemia.

Para saber mais sobre esta pesquisa, confira nosso e-book nas redes sociais e nosso artigo na Publicação CEAPIA – Revista de Psicoterapia da Infância e da Adolescência de 2020.

Comissão de Pesquisa do CEAPIA: Elisa Azevedo (Diretora de Pesquisa), Cristiane Feil (Codiretora de Pesquisa), Cristina Horta, Helena Riter, Laura Lotti, Laura Wolf, Luísa Dall'Agnol, Luísa Mello e Roberta Golbert

## Pontos de vista: discutindo os desafios da psicoterapia online

Vivemos novos tempos. Atendimentos online já são conhecidos, mas ter no virtual a única alternativa segura é novidade. Assim, nos vemos entrando nas casas de nossos pacientes, que também viraram assíduos frequentadores das nossas. Além do ambiente mais íntimo, compartilhamos dúvidas e angústias quanto ao futuro. Penso que, nesse contexto, o importante é que sigamos atentos à subjetividade de cada um. Assim como um filme pode representar coisas diferentes para cada paciente, cada um vive a sua pandemia, e é nossa função tentar amenizar um pouco do sofrimento causado por ela.

O esforço para não misturar os papéis precisa ser redobrado, mas o fato de estarmos compartilhando o mesmo drama pode nos tornar mais empáticos. Estamos enfrentando um caminho tortuoso, mas cada um com suas próprias pernas. Que bom que esta caminhada não precisa ser sempre solitária.

Alguns casos são mais complexos. Penso que aqueles que já tinham dificuldades de conexão e vínculo sentem com mais força o impacto da distância física, e, por vezes, nos percebemos mais ativos, como que em uma tentativa de “ligar” o outro, mantê-lo vivo na medida em que também tentamos sobreviver através de novos dispositivos. Não vemos o paciente por inteiro, perdemos parte de suas expressões corporais, até que a imagem se apague. É um momento que exige flexibilidade e continência, mas seguimos presentes. Pela tela, nos mantemos vivos e podemos transmitir um pouco de esperança de que tempos melhores certamente virão.

Iara Schmidt – Psicóloga, Preceptora e Codiretora de Atendimento do CEAPIA

Escrever sobre a experiência de atender apenas virtualmente é refletir sobre tempos difíceis, em que o excesso, marca do traumático, pode traduzir os sentimentos a que venho me sentindo exposta. Abruptamente, fomos tomados por uma situação até então inimaginável. Pacientes e analistas, agora sabidamente, vivendo a mesma caótica e dolorosa realidade. O isolamento era inevitável, bem como a necessidade da mudança de setting. O sentimento de desamparo, agora somado ao despreparo, trazia incertezas redobradas.

Cada objeto do meu consultório parecia fazer parte da minha função analítica. Era a “nossa casa”, como dizia um paciente, ou o “nosso cantinho”, como um pequeno dizia. Mudar o setting e ir para um lugar, que, a princípio, parecia o não lugar, sem a presença do corpo, tão essencial para a nossa sensorialidade.

O sentimento era de aprisionamento: como associar e brincar livremente quando não estamos livres? O receio maior: perder o espaço de intimidade e privacidade que o vínculo e a função analítica requerem. Seria possível interagir ludicamente com as crianças, “sonhar os sonhos” dos adolescentes e adultos, intercalando realidades interna e externa? Como lidar com os excessos que o tratamento virtual também representa? Os pacientes entrando nas nossas casas, nós nas deles. O perturbador de atender vendo a imagem do paciente e a nossa simultaneamente. Conter essas e tantas outras dúvidas e angústias com um escasso repertório de conhecimento, principalmente com crianças, dava a sensação de exaustão ao final de cada atendimento. Defensivamente, me via tolerando menos o silêncio, assumindo uma postura mais ativa, que fazia temer o comprometimento do setting interno. A manutenção deste foi permitindo a flexibilização e criatividade no setting externo, garantindo a condição imprescindível de escuta, olhar e acolhimento no trabalho analítico.

Magali Fischer – Psicanalista (SPPA) e Supervisora do CEAPIA

# Atendimento online em diferentes quadros clínicos

## Atendimento online de pacientes graves

Pensar o trabalho clínico frente aos desdobramentos da pandemia do Coronavírus não é tarefa simples. O contexto despertou questionamentos e levou nossa capacidade criativa ao máximo. Em março deste ano, no período de uma semana, tivemos que nos readaptar a esta nova realidade que nos foi imposta. Fecharam-se os consultórios e também a nossa Instituição. Houve cautela, talvez até resistência, para ingressar no mundo da tecnologia, com uma ideia inicial de que poderíamos esperar a pandemia passar, mas isso não ocorreu. Assim sendo, os atendimentos passaram a ser online. Diferente e desafiador, veio a ser um grande instrumento para a não interrupção dos tratamentos, podendo preservar o vínculo, a escuta e a constância objetual, tão importantes para nossos pacientes.

Nos desacomodamos e, frente ao novo, surgiram muitas perguntas. Atendemos e estudamos sobre pacientes que, em sua maioria, se comunicam através do corpo e pouco pela via da palavra. Pacientes com os quais a nossa presença cuidadora se torna tão essencial para traduzir e acolher o sofrimento. Como seria essa comunicação nesta nova modalidade?

A nossa clínica sempre nos impulsionou a buscar por novos autores e dispositivos, para assim dar conta dos atendimentos, e agora não seria diferente. Precisamos da vivência para construir a palavra e a narrativa. Unimos o que já estudamos ao novo contexto, com novas criações. E, se acreditamos que podemos acolher nossos pacientes e seguir com o nosso acompanhamento cuidadoso pela via virtual, temos possibilidade de trabalho.

E lá vamos nós: através da tela, entramos na casa dos pacientes. O conteúdo presente em seus relatos agora estava ali: a casa e os personagens ao vivo. Diante do novo, encontramos possibilidades e dificuldades, entre elas, pensar em como ajudar adolescentes e crianças a encontrarem dentro de suas casas um espaço em que o

sigilo terapêutico pudesse continuar ocorrendo. Recursos como fones de ouvido, som no ambiente e a porta do quarto fechada foram estratégias e construções que passaram a ser trabalhadas nas sessões. Dependendo da idade, se fez necessário o auxílio dos pais para acompanhar o processo. Frente à negação de atendimento de alguns pacientes, nos dispusemos a seguir nos comunicando por mensagens ou marcando conversas com os pais. Sempre presentes em busca por contato, ideias, imagens, histórias e vivências que nos permitissem transformações simbólicas no meio de tanto caos e incertezas.

Surpreendentemente, estamos conseguindo! Nossa disponibilidade de escuta e acolhida tem ajudado nossos pacientes neste momento de pandemia e isolamento social. Os desafios seguem, assim como algumas urgências que demandam atendimentos psiquiátricos e sessões com os responsáveis, mas a possibilidade de oferecermos um novo dispositivo terapêutico, como diria René Roussillon, proporcionou a manutenção do tratamento de quase todos os nossos casos de uma forma eficaz e acolhedora.

*Setor Corpo Clínico: Anelise Mariath Rechia (Coordenadora), Patrícia Jane Cohn (Cocoordenadora), Aline Bruschi, Ana Paula Ruga, Camila Martinez, Fernanda Matte, Fernanda Porto, Gabriela Tomazeli, Iara Schmidt, Karla Fonseca, Luísa Steiger e Mariana Rosa Vieira.*

## Atendimento online de pacientes com transtornos alimentares

Os Transtornos Alimentares acometem principalmente adolescentes e adultos jovens com uma maior dificuldade para lidar com as transformações decorrentes do desenvolvimento. Eles se manifestam como preocupações excessivas com o corpo e dificuldade para se alimentar de forma saudável.

Caracterizadas por perturbações no comportamento alimentar e percepção da autoimagem corporal, essas doenças quase sempre vêm acompanhadas de agravos físicos e psicológicos, podendo causar prejuízos significativos para o paciente e seus familiares, tornando-se crônicas quando não tratadas devidamente.

Atualmente, devido à pandemia da COVID-19, estamos vivendo um momento atípico de distanciamento social, que pode gerar muitas angústias e incertezas acerca do futuro. Esse cenário pode ser bastante desorganizador, potencializando muitas vezes nesses pacientes dificuldades na relação com a comida e com o corpo.

Assim, é importante estar atento à presença de sintomas como restrição alimentar significativa ou aumento demasiado do consumo alimentar, mudanças corporais repentinas, realização de exercícios exaustivos e isolamento do convívio familiar. O alimento e o corpo desempenham papéis centrais na vida de pessoas com Transtornos Alimentares, por isso é essencial poder estar atento a estes movimentos, buscando ajuda especializada para orientação e tratamento.

O CEAPIA conta com um setor formado por especialistas no tratamento de pessoas com Transtornos Alimentares desde 2012, atendendo a crianças, adolescentes e adultos de maneira interdisciplinar. A equipe é composta pelos seguintes profissionais: Clarissa Gralha, Júlia Huber, Aline Bruschi, Rodrigo Polli, Luciana Rocha, Raquel Gargioni,

Ane Quintana e as alunas ouvintes Júlia Jaskulski e Cristina Horta.

Desde o início da pandemia, o setor manteve suas atividades realizando reuniões e atendimentos aos pacientes na modalidade online. Essa forma de atendimento impõe alguns desafios ao tratamento de Transtornos Alimentares, como a impossibilidade de realização de exame físico e pesagem.

De modo a contornar as particularidades que se apresentam ao transpor o atendimento presencial para o ambiente virtual, pensamos a condução dos tratamentos caso a caso, refletindo as modificações necessárias a este novo momento. Em relação à psicoterapia online com pacientes que têm um transtorno alimentar, é importante se atentar às questões de contrato terapêutico, visto que, apesar da mudança no setting (cada um realizando a sessão da sua casa), as combinações de horários, faltas e pagamentos devem ser mantidas. Além disso, a manutenção de um ambiente que propicie sigilo é fundamental para que o processo psicoterapêutico prossiga.

*Setor de Transtornos Alimentares: Clarissa Gralha (Coordenadora), Aline Bruschi, Ane Quintana, Júlia Huber, Luciana Rocha, Raquel Gargioni, Rodrigo Polli, Júlia Jaskulski e Cristina Horta*





## Ambientoterapia e o desafio da virtualidade

O advento da pandemia e a exigência de distanciamento social trouxeram dificuldades para a psicoterapia e para o atendimento no *setting* tradicional. No setor da ambientoterapia, não foi diferente. Os desafios e as necessidades de se manter um acompanhamento terapêutico com pacientes do espectro autista, bem como com crianças com dificuldades de interação e socialização, foram inesperados para a equipe que as acompanha. A ambientoterapia se dá em formato de grupo de pacientes e terapeutas, em que o toque é necessário para conter, a presença é organizadora, o olhar é carregado de comunicação. Um espaço onde o grupo, os demais pacientes são organizadores uns para os outros, somados ao ambiente CEAPIA com suas salas e rotinas, possibilitando tipos de vínculo e de presença diferentes dos que tiveram até então.

Com a necessidade de fechamento do CEAPIA, as atividades do Setor de Ambientoterapia foram interrompidas da noite para o dia, não sendo possível uma despedida. Os estagiários suspenderam suas atividades junto à equipe, e os pacientes, que se viam duas vezes por semana, pararam de se ver.

Até o momento, o que está sendo possível é uma migração temporária para os atendimentos individuais, com os terapeutas responsáveis por cada paciente. Esses atendimentos fazem uma ponte com a ambientoterapia, pois cada terapeuta acolhe as demandas do paciente e de sua família e dá continuidade ao vínculo construído anteriormente no grupo.

Através da equipe, é possibilitado aos pacientes que mandem mensagens (as quais têm sido cheias de carinho) uns para os outros, mantendo a comunicação enquanto o contato presencial não pode acontecer.

Ainda na tentativa de se reinventar e de dar continuidade ao tratamento em grupo, visto a não previsão de volta, a equipe vem pensando formas de realizar algumas atividades da rotina da ambientoterapia online. São projetos para acolher demandas que os atendimentos individuais muitas vezes não dão conta, incluindo o grupo de pais, tão importante para dar o suporte e que se faz ainda mais necessário neste momento em que vivemos.

Ciente das dificuldades deste momento, a equipe está fazendo o esforço máximo para que o vínculo criado nas manhãs de ambientoterapia possa, de alguma maneira, amenizar a angústia que vivemos.

**Setor de Ambientoterapia: Renata Kreutz (Coordenadora), Philip Brew (Cocoordenador), Ana Paula Gonçalves, Camila Martinez, Diandra Heger, Juliana Garofalo, Julia Foster, Laura Lotti, Raquel Brodacz e Sandra Petresco**

## Atendimento solidário em saúde mental

O ano de 2020 está sendo um ano de reflexões. Estamos aprendendo que pequenas ações importam, podem salvar vidas, trazer esperança, mudar cenários. Algo invisível mexeu com o mundo e deixou em nossas mãos a possibilidade de salvar vidas: a nossa, a de quem amamos e as de quem nem conhecemos. Ações simples como lavar as mãos, usar máscara e, se possível, não sair de casa nos mostraram o quanto pequenos gestos podem cuidar dos outros e de nós mesmos.

Neste momento, para nós, profissionais da área de saúde mental, o pequeno gesto que estava ao alcance era oferecer o nosso principal instrumento de trabalho: a nossa escuta. O CEAPIA já pensava formatos para poder ajudar quem estava em sofrimento pelo momento atual, quando surgiu a oportunidade de se integrar a ação voluntária de atendimento solidário em saúde mental. Buscava-se, assim, oferecer uma escuta qualificada para as pessoas que estivessem sofrendo com alguma situação relacionada à pandemia da COVID-19.

O atendimento solidário foi encabeçado pela SPPA, instituição considerada coirmã por partilhar dos mesmos princípios e interesses do CEAPIA. A SPPA, além de distribuir os encaminhamentos entre os voluntários, também ofereceu acesso a cursos e palestras de capacitação sobre escuta qualificada e atendimento de urgência. Foi criado, ainda, um fluxograma para que, quando necessário, fossem feitos encaminhamentos, inclusive aos serviços de urgência e emergência.

A ajuda oferecida consiste em realizar uma ligação (ou até três, quando preciso) para quem solicitou o apoio. O papel do voluntário é principalmente escutar, acolher, validar sentimentos e também avaliar possíveis riscos, fazendo encaminhamentos quando necessário.

A maioria das pessoas que buscaram o atendimento necessitava desabafar e apresentava sintomas depressivos relacionados, na maior parte das vezes, às adaptações pelo isolamento social. Com frequência, quem recebeu essa escuta relatou ter se sentido aliviado apenas por ter tido um espaço para falar.

Os voluntários, por sua vez, também relataram terem um sentimento de gratificação em poder proporcionar essa ajuda. Foi criado um grupo de discussões e compartilhamento de experiências dos atendimentos, no qual aprendemos com as vivências dos colegas. Foram nos marcando, na maioria das vezes, o quanto uma escuta atenta pode transformar um momento difícil, validar sentimentos pode causar um grande alívio e ter uma rede de apoio faz toda a diferença nos momentos de crise.

Para nós, voluntários da ação, fica a ideia de que a psicanálise não se faz só dentro dos consultórios, podemos e devemos nos adaptar para também proporcionar apoio e alívio para populações que comumente não poderiam acessar esse serviço. Afinal, o maior aprendizado disso tudo é que pequenas ações podem, de fato, salvar vidas.

**Fernanda Amorim - Coordenadora do CEAPIA Social**



# Atendimento a crianças e adolescentes que residem em casas de acolhimento

Ao iniciar o período de isolamento social, frente a esta pandemia que estamos enfrentando, logo surgiram inquietações e questionamentos sobre como fazer para seguir o atendimento psicoterápico que vínhamos desenvolvendo com as crianças e adolescentes que vivem nas casas-lares e nos abrigos.

Embora muitos de nós já tivéssemos a experiência de atendimentos online, estes se davam, em geral, com adultos. Nosso questionamento: como as crianças e os adolescentes responderão a esta proposta? Como utilizar os meios de comunicação verbais e não verbais próprios dos atendimentos a essas faixas etárias? Desenhos, pinturas, jogos, contar histórias, entre outros. E os relatos espontâneos ou dirigidos?

Um tempo de reflexão, um espaço terapêutico novo e imposto pela distância física levaram-nos a considerar a possibilidade de um novo encontro.

*Pensar nestas crianças e adolescentes, já com tantas experiências de mudanças e perdas vividas, impôs a necessidade de utilizarmos, cada um de nós, capacidades comunicativas, recursos técnicos aprendidos, além de criatividade, para oferecermos a eles, mais do que tudo, a noção de continuidade interpessoal e de presença terapêutica.*

Talvez a surpresa tenha sido grande dos dois lados! Sim, estamos em contato; sim, estamos presentes; sim, vamos continuar. Ver os rostos sorridentes do outro lado de uma pequena janela, a câmera de um celular, recurso disponibilizado a eles nas suas casas, foi e tem sido mais um modo de ligação.

Encontrá-los pontualmente ali nos aguardando, contar com a colaboração das mães e dos pais sociais, entrar mais concretamente nos seus mundos compartilhados com tantos outros irmãos, assim nomeados por eles, só têm enriquecido estes encontros terapêuticos.

O setting se transformou: por vezes, eles estão nos seus quartos, por outras vezes na cozinha das casas, sempre

onde possam ficar com privacidade e algum material para atividades gráficas, de início providenciado pelos cuidadores, posteriormente por eles mesmos, em uma demonstração de autonomia e desejo pelo encontro.

A atenção destas crianças ou adolescentes, pelo que se passa do lado de cá, também apareceu de forma diferente do que no atendimento presencial: um ruído diferente, um elemento de decoração na sala de atendimento dos terapeutas mostra uma curiosidade e reflete, sobretudo, uma conexão.

E, do lado de cá, experimentamos esta enorme satisfação: de estarmos presentes para eles, seguindo na atenção às suas necessidades de se sentirem acolhidos, compreendidos, e auxiliados a continuarem sua trajetória em direção a um crescimento emocional cada vez mais saudável.

*Rosa Lúcia Severino - Psicóloga e Membro do Setor de Adoção*

# Avaliação psicológica remota: é possível?

O ano de 2020 parecia promissor. O Setor de Avaliação Psicológica fez seus planos, com o desejo de aprimorar cada vez mais nosso saber e nossa prática. E então o mundo mudou. Virou de ponta-cabeça e fomos jogados em uma nova realidade, precisando repensar nossa prática.

*A Avaliação Psicológica requer o atendimento presencial, já que a grande maioria de testes e técnicas psicológicas está validada para esta modalidade, ainda que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) autorize o uso de testes online, quando padronizados e normatizados para tal.*

Por ainda serem poucos os instrumentos desenvolvidos especificamente para a avaliação remota, a investigação da demanda e os resultados da avaliação podem ficar comprometidos.

Ainda, é importante lembrar que a Resolução 11/2018 do CFP determina que a avaliação deve ser tecnicamente viável, ou seja, para que os resultados sejam fidedignos e condizentes com o potencial do avaliando, deve estar claro para ele o que deve ser feito. Em uma avaliação remota, contudo, nem sempre essas condições estarão garantidas, uma vez que o avaliador não terá como contornar algumas situações como as dificuldades de adaptação em pacientes do Transtorno do Espectro Autista, ou, ainda, as dificuldades de adesão à tarefa em pacientes com suspeita de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, por exemplo.

Portanto, podemos perceber que o tema da Avaliação Psicológica remota ainda é complexo, necessitando de estudos e reflexões, acrescidos da necessidade da normatização de ferramentas específicas para este fim.

Sendo assim, só podemos pensar que a pandemia nos trouxe mais motivos para seguirmos estudando e descobrindo novas formas de auxiliar pacientes, famílias e terapeutas a

esclarecer suas potencialidades e fragilidades. A COVID-19 nos mostrou que, mesmo frente a uma enorme crise, podemos e devemos encontrar novos rumos!

*Setor de Psicodiagnóstico e Orientação Profissional: Paula Pecis (Coordenadora), Camile Marczyk, Cíntia Berriel, Cristiane Feil, Fabíola Alba, Júlia Raskin, Mariana Santin, Milene Merg, Patrícia*



## Trabalho-destaque: Por que escrever se não for para juntar pedaços?

Receber o Prêmio Destaque é uma satisfação, pois foi desafiador integrar a clínica e a teoria. Escrever este trabalho foi uma construção bonita e difícil. Bonita porque eu consegui compreender e escrever de uma forma que me auxiliou no entendimento do caso. Difícil porque a paciente do trabalho convoca a distintos sentimentos. O título se relaciona com a maneira fragmentada que a paciente do caso vive.

Pensando no conceito de construção, trabalhado por Freud, Dunker (2011) afirma que este opera justamente naquele fragmento da história do sujeito que está recalçada e que opera em ato na sua vida. O trabalho retrata a vida, história, sintomas e espaços vazios de uma paciente adolescente. Escrever foi uma tentativa de dar contorno para uma história tão traumática. A forma que encontrei para isso foi a de juntar a ficção com a realidade, criando um conto e relacionando-o com o caso clínico.

No processo de me tornar terapeuta de crianças e adolescentes, a escrita literária me auxilia muito.

Acredito que esta tem potencial de nomear o inominável, representando a ausência. A criação artística, por meio da literatura, pode ser uma tentativa de expressar aquilo que a psicanálise, por vezes, não alcança.

Dunker, C. (2011). Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento. São Paulo: Annablume.

*Julia Foster – Aluna do 2º Ano do Curso do CEAPIA*

# Famílias em quarentena: pensando a parentalidade

## Parentalidade e isolamento social

O isolamento social é fundamental para contenção da pandemia do novo Coronavírus, segundo o Ministério da Saúde e profissionais da área. Essa medida, somada à insegurança no cenário econômico e ao medo por conta do avanço da doença têm repercutido na saúde mental das famílias em geral.

É um período sem precedentes, repleto de incertezas, que trazem desconforto diante de um cenário alarmante. As notícias assustam, e rearranjos nas rotinas familiares que, à primeira vista, seriam transitórios, vão assumindo uma temporalidade própria, com ares de permanência.

Neste contexto, o exercício da parentalidade inevitavelmente sofre influências e a equação se torna ainda mais complexa. Somadas às suas próprias demandas emocionais, os adultos também têm de lidar com as demandas das suas crianças, que necessitam de ajuda, respostas e suporte.

*Embora cada família esteja vivendo com seu jeito único estes rearranjos, algumas questões se fazem comuns às tantas realidades familiares: as crianças perderam o convívio escolar, os adolescentes, o contato diário com amigos, e os pais, toda uma rede de apoio construída ao longo dos anos. São muitas mudanças abruptas, em tempo recorde.*

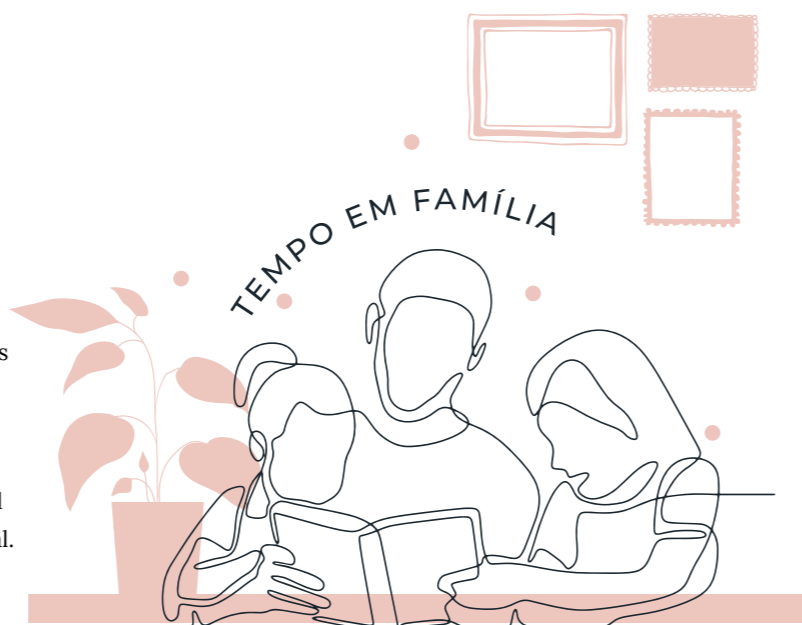
A casa tornou-se palco único para todos os espetáculos pessoais e familiares, o que exige muita criatividade. As consequências do *home office* e do *homeschooling* nas novas rotinas, as tarefas domésticas, as privações econômicas e sociais e as dificuldades nos relacionamentos dentro da família são algumas das variáveis que têm sido fontes de estresse de pais, mães e filhos. Um esgotamento emocional tem surgido, levando alguns pais a buscar ajuda profissional.

Esses processos têm conduzido muitas famílias a rever papéis e divisão de tarefas, a reavaliar prioridades, expectativas e sonhos (que, por ora, foram adiados). O convívio intenso também propicia uma série de questionamentos

acerca da forma como as famílias se relacionam: a escuta, a qualidade dos vínculos e do tempo que pais e mães estão disponíveis para os filhos e vice-versa. A busca por ajuda psicológica neste momento, para muitos, se configura como um recurso importante para reflexão e manutenção da saúde mental diante da situação em que estamos inseridos.

Já são muitos meses em que inúmeras famílias estão em casa, cumprindo o isolamento social, na tentativa de se proteger, de proteger os outros e de conter o avanço da pandemia pelo país. Viver este momento, com todas facetas que se apresentam, nos traz também alguma esperança de que, quando isso tudo passar, nos encontremos mais empáticos e unidos, mais fortes e com relações mais satisfatórias, gratos pela chance de seguirmos a vida em frente.

**Setor de Atendimento a Pais: Tânia Wolf (Coordenadora), Rachel Caron (Cocoordenadora), Aline Bruschi, Daniela Lajus, Fernanda Amorim, Fernanda Bennemann, Helena Riter, Luísa Steiger e Maria Luíza Piccinini**



## Encontro com a Comunidade: parentalidade positiva

O Encontro com a Comunidade realizou seu primeiro evento de forma online no dia 23 de maio de 2020. Com a chegada da pandemia, adaptações (quanto à forma e ao tempo dos encontros) foram necessárias. Diante do isolamento social e com o aumento de demandas sentido pelos pais, novos desafios surgiram nas famílias com filhos em casa. Nossa prioridade foi convidar alguém que pudesse falar sobre estratégias na relação pais-filhos. Ana Luíza Bittencourt Berni, psicóloga, foi a convidada para falar sobre Parentalidade Positiva, apresentando um modelo de relação possível como recurso para um vínculo de afeto e de respeito.

**Coordenação: Fernanda Porto e Fernanda Matte**

A Parentalidade Positiva entrou em minha vida por uma busca pessoal diante de desafios que encontrei com meu filho mais velho a partir da chegada do irmão. Ter encontrado o que buscava me motivou e entusiasmei a compartilhar com outros pais e educadores sobre esta filosofia de vida, que preza pelo respeito mútuo e pelo vínculo com a criança. Dessa maneira, de uma necessidade pessoal, se abriu um novo espaço e formato na minha vida profissional, a partir do momento em que me tornei educadora parental e passei a acompanhar pais que objetivam trilhar o caminho de uma educação mais consciente e respeitosa.

*Mas o que é, afinal, a Parentalidade Positiva? É uma filosofia, um modelo de educação que surge como contraponto a dois modelos mais tradicionais de relação: o autoritarismo e a permissividade.*

A Parentalidade Positiva aponta para o caminho do meio, em que a figura de autoridade existe e exerce seu papel de guia e orientador, mas que se dá a partir de um lugar de profundo respeito pela criança como um indivíduo completo e complexo. Junto a isso, entende-se a importância do diálogo e do afeto para conduzir as situações e os desafios que aparecem.

Sendo o respeito mútuo um pilar estruturante deste modelo, não entram aqui estratégias que vão de encontro a este elemento tão central, tais como castigos, punições, violências e ameaças. Esses recursos advêm de um formato

autoritário de relação, em que a criança não tem voz nem querer, não é levada em conta e é constantemente submetida ao querer e à força de um adulto. O modelo da Parentalidade Positiva propõe uma espécie de hierarquia mais horizontal. O adulto como margem e como condutor daquela relação, mas caminhando ao lado da criança, com o objetivo de acompanhá-la na construção de uma relação de afeto, respeito e conexão.

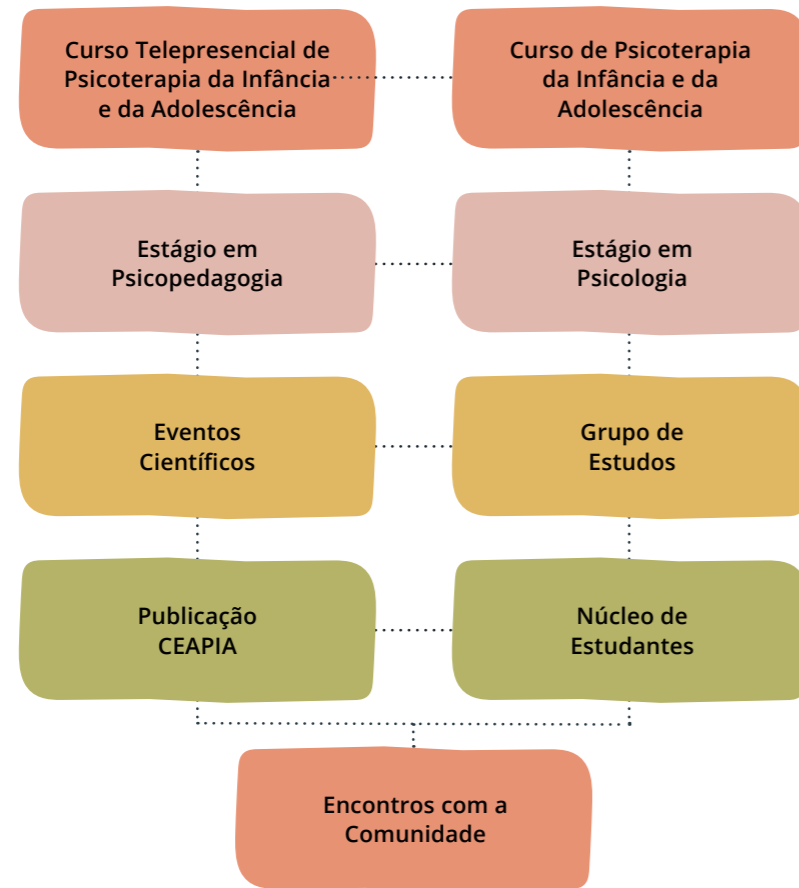
Outro aspecto relevante dentro deste referencial é a importância da qualidade do vínculo como elemento responsável por uma relação mais inteira e saudável. Um bom vínculo entre adultos e crianças, a partir do respeito mútuo e da não violência, do afeto e do diálogo, abre espaço para uma relação de maior cooperação, sentido e valor.

Dito isso, a criança que se sente conectada, olhada e respeitada pelo seu adulto responsável tende a agir melhor. Desse modo, o mau comportamento e os desafios de comportamento são aqui entendidos como sinalizadores, como uma espécie de comunicação sobre como aquela criança está sentindo suas necessidades emocionais: supridas ou não.

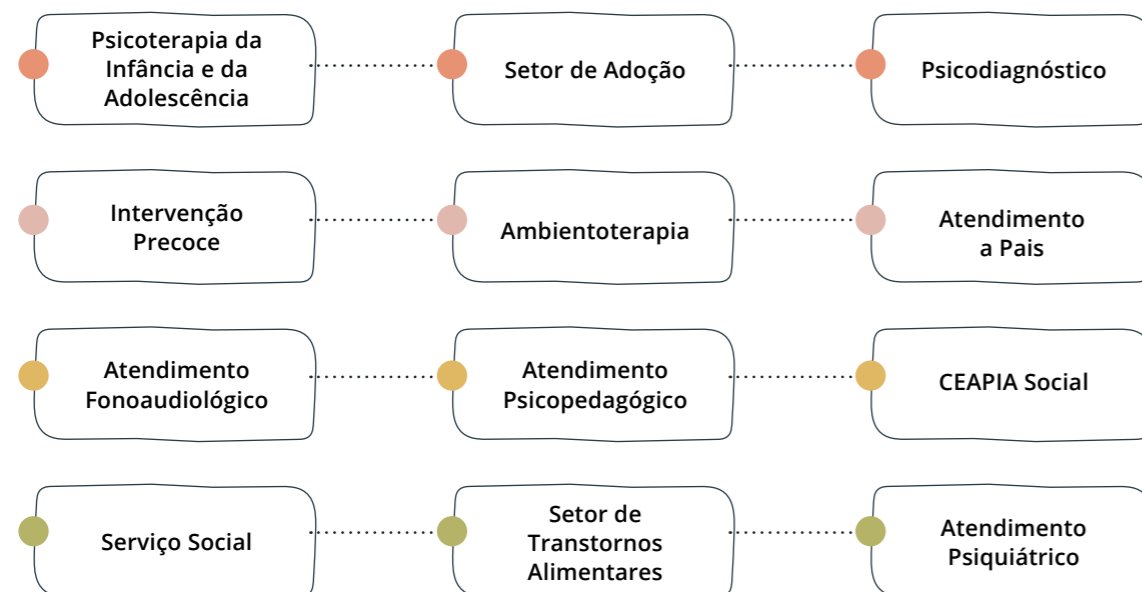
Para finalizar: a Parentalidade Positiva é sobre o adulto. Não é sobre a criança e sobre ela ter bons comportamentos ou não; não é sobre estratégias para as crianças agirem melhor. É sobre como o adulto vai agir diante dos comportamentos delas, como o adulto vai se relacionar, é sobre que modelo o adulto vai passar e espelhar para as crianças. É, acima de tudo, entender o conceito de autorresponsabilidade diante dos desafios que aparecem e se colocar como O agente de mudança, tendo como norte, sempre e com qualquer atitude, onde se quer chegar, o que se quer passar e construir com sua criança e agir de acordo com essas intenções.

**Ana Luíza Bittencourt Berni - Psicóloga, Educadora Parental e Membro do CEAPIA**

### Serviços de Ensino e de Formação Profissional do CEAPIA



### Serviços de Atendimento do CEAPIA



Design editorial por: Isadora Blank  
 Revisado por: Press Revisão  
 Impressão por: Gráfica Odisséia  
 Boletim impresso em Outubro de 2020,  
 na tiragem de 200 exemplares.



Rua Cel Bordini, 434 | 51 3343 6490 | ceapia.com.br  
 Porto Alegre / RS | 51 3342 7974 | ceapia@ceapia.com.br

infância

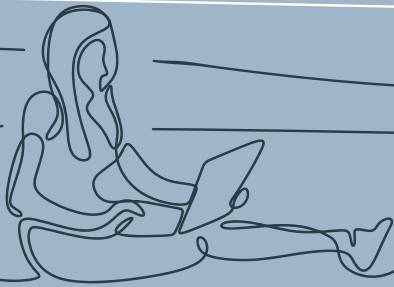


tecnologia

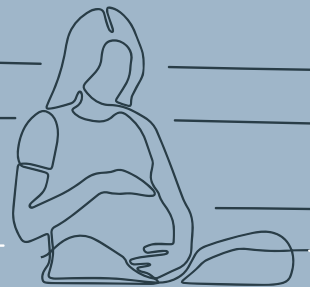


atitude

compreensão



escuta



diálogo

palavra



adolescência

representação